

EDITORA
UNIAO CRISTA



**Frases e Pensamentos baseados na Palavra de Deus,
que acompanharão você por todos os dias do ano.**

**Deixe que pequenas gotas de bênçãos
invadam a sua vida.**

EDITORA UNIAO CRISTA
Caixa Postal 09 – 89.290-000 – São Bento do Sul
ucrista@uniaocrista.com.br – www.uniaocrista.com.br
Fone/Fax (47) 635-0911

DESAFIOS DA GLOBALIZAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO

Dilmar Devantier*

INTRODUÇÃO

Globalização, pós-modernidade e mudança de paradigmas já há décadas ocupam espaço nos meios de comunicação e, conseqüentemente, em nossa reflexão sobre a realidade em que vivemos. Não poderia ser diferente, pois são assuntos que acabam atingindo a vida de cada ser humano. Como, no entanto, encarar a interferência que causam em nossa vida? Por experiência, estamos conscientes de que há visões que encobrem o assunto, em vez de desvelá-lo. Este estudo, um olhar por meio da Teologia, tem a pretensão de contribuir no trabalho de firmar uma posição crítica, a partir da qual se possa melhor perceber as implicações do processo globalizante na sociedade atual e os desafios que isso representa para uma educação comprometida com a dignidade do ser humano.

Dessa maneira, o trabalho aborda o inter-relacionamento de Teologia e Educação no contexto do processo atual da globalização, no intuito de perceber desafios e impulsos para a Educação. Primeiramente, discorre sobre o conceito de Teologia e o seu estudo, que ocorre no contexto da mudança de paradigmas em andamento na globalização. Mediante o olhar da Teologia, são detectados problemas embutidos nesse processo. Sobre tal base são apresentados, na forma de disputa ideológica, desafios ao campo da Educação do futuro. Inclui ainda, no final, alguns alertas para o trabalho pastoral, pois este também se ocupa com a educação e é igualmente atingido pelo processo de globalização.

* Dilmar Devantier é Pastor e professor na área de Teologia Prática na Faculdade Luterana de Teologia (CETEOL), em São Bento do Sul, SC.

1. A TEOLOGIA NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

1.1 A Teologia

Teologia é o estudo sistemático sobre Deus.¹ No caso da Teologia cristã, tal estudo é baseado na auto-revelação de Deus em Jesus Cristo, do qual a Bíblia testemunha. Em seu estudo acadêmico, não se trata de provar a existência de Deus e desenvolver ferramentas de argumentação para sustentá-la. Parte-se da afirmação de sua existência.² Jung Mo Sung afirma que “o objeto central da teologia é Deus, (...) o discernimento das imagens de Deus”³. Com isso, já se aponta para um dos principais alvos do estudo acadêmico da Teologia: discernir entre Deus e os ídolos. Com ídolo entendemos tudo aquilo que é colocado no lugar de Deus, i.e., tudo o que é sacralizado.

Na Faculdade Luterana de Teologia — FLT-MEUC,⁴ por exemplo, o estudo acadêmico da Teologia tem sua definição mais precisa girando em torno de quatro expressões que se destacam. Afirma-se que a formação teológica deve ser crítica, confessional, eclesial e contextual.⁵ Será importante destacar o que se pretende dizer com isso.

A formação deve ser crítica, não em primeiro lugar no sentido de tomarmos critérios ou valores, quaisquer que sejam, e julgarmos a sociedade/ realidade que nos cerca. Antes, deve se considerar que nós mesmos somos colocados sob a *crisis* de Deus, ou seja, sob a crítica, o juízo, de Deus dirigida ao ser humano. Somente como conseqüência disso é que entendemos que temos a responsabilidade de exercer juízo crítico sobre os esquemas de pensamento da sociedade e de discernir a conduta ética tanto na sociedade civil como na Igreja.

O estudo da Teologia deve ser confessional. Esse aspecto está ligado à confissão da pessoa de Jesus Cristo, que constitui a única revelação e concretização de quem Deus é. Confessar a Jesus Cristo significa comprometer-se com ele e com sua causa, o reino de Deus. Portanto, em primeiro lugar,

¹ Jung Mo SUNG. *Desejo, mercado e religião*. p. 18.

² Na verdade, essa questão toda de provar ou desmentir a existência de Deus tem uma longa história que só evidencia a impossibilidade da empreitada, nos dois sentidos. Deus é, sobretudo, objeto de fé e de esperança (Jung Mo SUNG. *Desejo, mercado e religião*. p. 18) É por isso que Kant coloca essa questão para além da possibilidade de verificação científica, racional.

³ Jung Mo SUNG. *Desejo, mercado e religião*. p. 18.

⁴ Faculdade Luterana de Teologia – MEUC, (CETEO), instituição de ensino superior de Teologia, sediada em São Bento do Sul/SC.

⁵ Conforme a filosofia da Faculdade Luterana de Teologia – MEUC.

focaliza-se o compromisso com a pessoa de Jesus Cristo, e não com alguma confissão religiosa. Com isso, também se pretende apontar ao fato de que o estudo da Teologia envolve a vida toda, a própria existência do teólogo.

Afirma-se, ainda, que o estudo da Teologia deve proporcionar uma formação eclesial, tendo em vista as pessoas que, reunidas por um chamado e objetivo comum, constituem a comunidade de Jesus Cristo em determinado lugar. Nesse tocante, compreende-se que a formação teológica deve ter em mente pessoas integrais, que vivem uma vida integral: social/comunitária, individual/pessoal, psíquica/cultural/espiritual.

Por fim, afirma-se que a formação teológica nunca deve perder de vista a contextualização da mensagem que se quer transmitir, ou seja, a da salvação de Deus em Jesus Cristo, o anúncio do reino de Deus. A formação contextual busca a confrontação da realidade cultural, sócio-política e religiosa com o evangelho, no plano local, regional e nacional. A articulação do ministério cristão — de propostas de trabalhos e comunidades — deve ter fundamentação bíblico-teológica e fazer jus ao meio social/cultural/ambiental em que se esteja inserido.

Assim, os pontos acima evidenciam que não se objetiva o estudo “puro” da Teologia — mesmo por que se crê que tal não seja possível —, mas um estudo que possua interação com a realidade, levando-a em conta e buscando sua transformação.

É aqui que se percebe a interferência do tema “globalização” no estudo (currículo) da Teologia. É no contexto dessa realidade, de uma sociedade sob os efeitos do processo de globalização, que se insere o objetivo do estudo de Teologia, uma vez que ela elabora uma reflexão crítica das práticas humanas à luz da realidade de Deus.

Entretanto, para aclarar a questão, devemos discernir aspectos da globalização e o que ela traz consigo, bem como um traço distintivo que marca este processo de ponta a ponta: a mudança de paradigmas. Começamos, pois, pela mudança de paradigmas.

1.2 A Mudança de Paradigmas

Seguindo Oliveira,⁶ entendemos paradigma como sendo um “conjunto de normas ou modelo que rege determinada visão de mundo e as ações dela decorrentes”. Existe uma ampla discussão sobre o tópico e um relativo consenso de que vivemos numa época de transição. O termo “pós-modernidade”

⁶ Renato José de OLIVEIRA. *Ciências humanas e educação: impasses para a superação dos paradigmas positivista e relativista*. p. 221.

circula já há bastante tempo, assinalando uma passagem que se encontra ainda em processo.

O já citado Oliveira⁷ afirma em relação às ciências humanas que essas, ao assumirem o modelo das ciências naturais, conduziram à “coisificação do homem”. Com isso, ele deseja chamar a atenção para o fato de que o ser humano não pode ser estudado como se fosse mecânica e matematicamente previsível. Na discussão, ele chega ao ponto de afirmar que “As ciências humanas não precisam, portanto, justificar seu estatuto científico, perseguindo a positividade alcançada pelas ciências físicas”⁸. Essa, entretanto, é uma tentativa em que se tem caído constantemente. Quando isso acontece, ainda segundo Oliveira,⁹ enganam-se duplamente:

Primeiramente, ao esquecer que seu objeto, o homem, pensa, fala, deseja, sonha, etc., elas se tornam cada vez menos humanas. Em segundo lugar, permanecem presas a um modelo de cientificismo já ultrapassado pelas ciências físicas, hoje sensíveis ao fato de que a ordem fenomênica não é redutível a relações causais simples e diretas.

Entretanto, gostaríamos de demonstrar essa questão de outra forma e, possivelmente, colocando mais tinta nos traços das distinções. Na Idade Média, a cosmovisão reinante era “gerenciada” pela Teologia, mais precisamente pela Igreja medieval. As ciências e todos os estudos científicos aconteciam sob seu patrocínio. Foi, aliás, sob a égide da Teologia que as universidades surgiram (junto às escolas das catedrais). Nessa cosmovisão havia o que poderíamos denominar de “transcendente” e o “imaneente”. A moral, os valores, a esperança, tudo o que tivesse a ver com o transcendente era “mediado” pela Igreja. Quer dizer, a Igreja tinha a posse da mediação entre as duas coisas. Isso era ponto pacífico. Não se discutia tal papel. O que não deixa de ser bastante lógico, desde que se lembre que também era ponto pacífico que o transcendente interferia no imanente.

Nessa cosmovisão, o reino de Deus (a utopia) era objeto de esperança que se localizava após a morte, sendo resultado de intervenção divina. Na modernidade, quer dizer, com o advento do racionalismo, ocorreu aí uma mudança titânica. Até, mais ou menos, o final da Idade Média, tinha-se um campo unificado do conhecimento. Evidentemente, tratava-se de uma concepção aberta, em que o transcendente tinha interferência, como já apontamos. Na medida em que o racionalismo e o método científico começaram a se

impor, essa concepção — cosmovisão — passou a ser fechada; quer dizer, não se admite, ou não se conta mais, com a interferência do transcendente. O que consegue se impor ante o crivo da razão, é isso que é reconhecido e considerado. Nesse processo também começou a fragmentação do campo da ciência, com a emancipação dos seus diversos ramos. Temos aí o nascedouro de uma especialização cada vez maior¹⁰ — apesar de, ironicamente, saber-se cada vez mais sobre cada vez menos. Assim, Medicina, Astronomia e Física, por exemplo, vão alargando seus campos de conhecimento, fazendo conquistas e progressos admiráveis. E o otimismo com a confiança na razão e capacidades humanas vai se impondo. Trata-se de uma verdadeira secularização do transcendente. A “utopia”, na verdade, se transformou numa “u-chronia”, pois se passa a esperar o “paraíso” na terra em algum ponto futuro. Nesse contexto é que se fala de um “estado de bem-estar social”.

Partindo da realidade presente, como se irá alcançar o futuro, o “paraíso” — seja qual for a forma em que é descrito? Resposta: por meio das ciências, da tecnologia e o progresso por elas propiciado. Quer dizer, as ciências, a tecnologia, o progresso, esses nos conduzirão à concretização da esperança. Entra em cena a noção de que, instrumentalizada pelas ciências, a ação humana é praticamente ilimitada. O que cumpria, então, era se engajar nesses processos, para que o final que se almejava não tardasse a chegar. Tudo passa a ser objeto da razão e do método científico.¹¹

É nesse espírito que acontece aquilo a que já nos referimos antes, citando Oliveira,¹² quando ele afirma que a Sociologia já nasceu sob “a camisa-de-força das ciências físico-matemáticas” para que seu estatuto de ciência fosse justificado. Com a Teologia não foi muito diferente. Também ela sen-

⁷ *Ibid.* p. 222.

⁸ *Ibid.* p. 225.

⁹ *Ibid.* p. 225.

¹⁰ Cabe lembrar aqui também as mazelas que acompanham esse processo de especialização, que são muito bem descritas na obra já citada de OLIVEIRA (p. 228s): especificamente, “abordagens que incidem em ‘recortes temáticos cada vez mais minúsculos’” e a fixação do pesquisador nesse recorte, não atentando para as diversas e variadas relações dessa parte com o todo. Na discussão desse particular, Edgar MORIN (*Os sete saberes necessários à educação do futuro*, p. 35ss) é bem mais exaustivo e, com base em sua concepção de *complexidade* do ser humano e da realidade, chega a ser extremamente contundente na crítica à racionalidade, ou, como ele de fato a chama, a “falsa racionalidade”.

¹¹ O que acabo de descrever é abordado de maneira breve na obra antes citada de Jung Mo SUNG (p. 23), onde também aparecem referências bibliográficas mais amplas a respeito, inclusive filosóficas. Além disso, a argumentação de Edgar MORIN (*Os sete saberes necessários à educação do futuro*, p. 44s) confirma essas observações, ao tratar do que chama de “falsa racionalidade”.

¹² Renáio José de OLIVEIRA. *Ciências humanas e educação: impasses para a superação dos paradigmas positivista e relativista*. p. 222 e 225.

tiu-se impelida a justificar seu estatuto nessa nova realidade. F. D. E. Schleiermacher¹³ e E. Troeltsch¹⁴ são dois exemplos de teólogos que, no século XIX, buscaram realizar tal adequação com as ferramentas do conhecimento científico da época. Poderia citar alguns antes deles, como também outros do último século. Não mudaria, de toda forma, o fato de que a Teologia também limitou sua contribuição. Ironicamente, no afã de justificar seu estatuto e permanecer em cena, comprometeu completamente sua possível contribuição. Ouçamos as palavras de um sociólogo que estudou o assunto:

Foi somente com o assalto da secularização que a plenitude divina começou a recuar, até que atingiu o ponto, em que a esfera empírica se tornou abarcadora de tudo e perfeitamente fechada sobre si mesma. Neste ponto, o homem estava verdadeiramente sozinho na realidade. Percorremos um longo caminho desde os deuses e os anjos. As fissuras da realidade deste mundo que aquelas figuras poderosas corporificavam mais e mais desapareceram de nossa consciência como possibilidades sérias. Eles estão por aí como contos de fada, nostalgias, talvez como símbolos vagos de alguma coisa. Há alguns anos atrás, a um padre trabalhando numa favela de uma cidade da Europa, fez-se a pergunta por que estava fazendo aquilo e respondeu: “Para que o rumor de Deus não desapareça completamente”. A palavra exprime bem o que os sinais da transcendência se tornaram em nossa situação – rumores – e rumores não muito conceituados.¹⁵

A partir desse quadro são percebidas as limitações dos paradigmas do racionalismo iluminista e a busca de novos modelos. Isso acontece na educação, onde se percebe a limitação extrema do esquema positivista ocidental,¹⁶

¹³Friedrich Daniel Ernst SCHLEIERMACHER (1768-1834), pai da teologia liberal clássica, contemporâneo de Hegel.

¹⁴Ernst TROELTSCH (1865-1923), conceituado teólogo, filósofo da história e sociólogo do século passado.

¹⁵Peter L. BERGER. *Um rumor de anjos*. p. 124s.

¹⁶Renato José de OLIVEIRA. *Ciências humanas e educação*. p. 228. Também Jacques DELORS, já no Prefácio da obra de que é editor, fala das “desilusões do progresso” e seu significado para as nações no campo da educação. O autor irá detalhar com mais vagar e rigor tais problemas e tensões, com sua relação com a educação, no capítulo 1 da mesma obra (*Educação, um tesouro a descobrir*. pp. 13ss e 35ss). A análise de Edgar MORIN (*Os sete saberes necessários à educação do futuro*. p. 24) aponta para a mesma direção.

como também na Teologia.¹⁷ O clima otimista como que foi varrido pelos eventos da história mundial no século XX, especialmente por duas guerras mundiais devastadoras, juntamente com os efeitos delas decorrentes. Começam-se a sentir as limitações impostas ao ser humano, bem como tudo o que foi sendo excluído de cena desde o início da Idade Moderna. Descobre-se que o conhecimento científico progrediu, expulsando credences, mitos e superstições, e trazendo muitos benefícios, mas isso não significou uma agregação de valor, de sentido. Pelo contrário, percebe-se o modelo cada vez mais como limitado e insuficiente para dar conta da realidade. Ou seja, o “paraíso” vislumbrado teima em não se concretizar.

Interessantemente, o toque decisivo para um novo paradigma não veio das ciências humanas, mas da Física, com nomes como Einstein, Bohr e Heisenberg.¹⁸ Hoje nos encontramos num contexto de transição: fomos criados dentro de um paradigma empirista/racionalista, que está dando sinais evidentes de esgotamento, e ainda não vislumbramos bem o novo, que está em formação. Esse é o clima que envolve todo o processo de globalização.

Aqui chegamos no outro ponto que devemos abordar: a globalização.

1.3 A Globalização

Por um lado, deveríamos entender que a globalização, como tal, é um processo que começou com a Época Moderna e já tem a idade de quase cinco séculos. Foi com o primado da razão humana, com o desenvolvimento das ciências, que o mundo começou a se expandir, ao mesmo tempo que se unia, se tornava menor. Por exemplo, as navegações iam expandindo fronteiras, ao mesmo tempo que o desenvolvimento das comunicações encurtava distâncias.

Por outro lado, devemos estar cientes de que a atual globalização tem sua marca bem distintiva. Seguindo Ianni,¹⁹ destacaríamos as seguintes características:

- A energia nuclear como poderosa técnica de guerra, já nas mãos de nações de segundo e terceiro escalão;

¹⁷De acordo com David J. BOSCH (*Transforming mission: paradigm shifts in theology of mission*. p. 349s), Karl Barth (1886-1968), teólogo que marcou o século XX, rompeu com o paradigma da tradição teológica racionalista.

¹⁸Cf., por exemplo, David J. BOSCH (*Transforming mission: paradigm shifts in theology of mission*. p. 350). Também Fritjof CAPRA, em pelo menos dois de seus livros, *O Tao da Física* e *Pertencendo ao Universo*, abordam o assunto dando direcionamento semelhante, nesse aspecto.

¹⁹Octavio IANNI. *A sociedade global*. p. 58s.

- A revolução informática, que coloca nas mãos dos donos do poder uma capacidade extraordinária de, entre outras coisas, formar, informar e manipular;
- A organização de um sistema financeiro internacional em conformidade com as exigências da economia capitalista e regido pelos países dominantes;
- As relações econômicas amplamente influenciadas pelas exigências das empresas, corporações ou conglomerados internacionais, globais, planetários;
- A reprodução ampliada do capital – com concentração e centralização –, universalizando-se e recriando relações em todos os cantos do planeta;
- O Inglês como língua universal;
- O neoliberalismo com predomínio mundial, como ideologia e prática e modo de compreender e de agir.

Delors²⁰ traça um quadro semelhante, com dados e estatísticas recolhidos por órgãos da UNESCO. A partir desse autor, ainda se poderia agregar mais alguma característica. Por exemplo, a grave questão das migrações internacionais.²¹ Entretanto, para nosso interesse no momento, os traços acima citados de Ianni ajudam a dar contornos do que seja o processo da globalização. Examinando-os, poderemos ter uma idéia do que se está falando. Podemos observar, por exemplo, as evidentes vantagens da sociedade da informação e do incremento nos meios de vida — tanto no que se refere ao conforto, como também na própria qualidade e extensão da vida —, tornados cada vez mais acessíveis. Ianni comenta muito bem algumas dessas vantagens em pelo menos dois de seus livros.²² Entretanto, esse processo de globalização também envolve problemas muito graves.²³ Nos deteremos mais em alguns desses problemas.

1.3.1 O Declínio do Valor do Indivíduo

No processo de globalização, percebe-se um evidente declínio do indivíduo. De forma suficientemente evidente, é o que Ianni deixa claro ao falar da metáfora da “nave espacial”, aplicada ao referido processo. Ele afirma: “A

²⁰Jacques DELORS. *Educação, um tesouro a descobrir*. pp. 35ss.

²¹*Ibid.* p. 41.

²²Octavio IANNI. *A Sociedade Global e Teorias da Globalização*.

²³Já chamamos a atenção, acima, para a análise de Edgar MORIN (*Os sete saberes necessários à educação do futuro*. p. 35ss) sobre esse aspecto. Além disso, ele também entra em aspectos semelhantes ao tratar da “identidade terrena” (Edgar MORIN. *loc. cit.* pp. 63ss).

mesma fábrica da sociedade global, em que se insere e que ajuda a criar e recriar continuamente, torna-se o cenário em que desaparece”²⁴.

Em todo o processo da Modernidade, o valor do indivíduo foi afirmado e reafirmado. Agora, na ponta do processo que se destinava a conceder-lhe o “paraíso” na terra, justamente a sua individualidade se encontra ameaçada. Voltamo-nos, uma vez mais, para Morin. Ao falar da necessidade de “Ensinar a Condição Humana”, ele chega no ponto em que afirma:

(...) é impossível conceber a unidade complexa do ser humano pelo pensamento disjuntivo, que concebe a nossa humanidade de maneira insular, fora do cosmos que a rodeia, da matéria física e do espírito do qual somos constituídos, bem como pelo pensamento redutor, que restringe a unidade humana a um substrato puramente bio-anatômico. As ciências humanas são elas próprias fragmentadas e compartimentadas. Assim, a complexidade humana torna-se invisível e o homem desvanece “como um rastro na areia”.²⁵

Assim, o próprio processo que se destinava a promover o homem, faz com que ele “desvaneça”. Quando parecia que a individualidade teria valor máximo, cada um respeitando e considerando a do outro, nesse momento se descobre estar numa verdadeira “torre de Babel” — uma outra metáfora que Ianni analisa, no que tange à globalização.²⁶ Ninguém mais se entende, todos estão alienados de tudo. O resultado é o declínio do indivíduo.

Nesse aspecto, pode-se acrescentar que também a identidade individual e as relações entre os indivíduos são afetadas de modo drástico. Isso se pode deduzir facilmente do que Ianni afirma quando fala, por exemplo, sobre “As Economias-mundo”²⁷, ou sobre “A Ocidentalização do Mundo”,²⁸ ou ainda sobre “A Desterritorialização”.²⁹ No último, ele afirma explicitamente: “A globalização tende a desenraizar as coisas, as gentes e as idéias”³⁰. Faz-se tal dedução por se entender que, se o Brasil é de alguma forma descaracterizado — cultural, política ou economicamente —, forçosamente a conseqüência

²⁴Octavio IANNI. *Teorias da globalização*. p. 20.

²⁵Edgar MORIN. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. p. 48.

²⁶Octavio IANNI. *Teorias da globalização*. p. 21s.

²⁷*Ibid.* pp. 21ss.

²⁸*Ibid.* pp. 75ss.

²⁹*Ibid.* pp. 89ss.

³⁰*Ibid.* p. 92.

será que cada um de seus cidadãos sofrerá efeito semelhante. Na questão das relações entre os indivíduos, a questão não fica por menos. Considerando-se que a tecnologia informatizada é a marca fundamental da globalização, segue-se um exemplo bem atual. A TV Globo, numa reportagem do Jornal Nacional,³¹ levou ao ar uma matéria em que abordava o protesto de cobradores e motoristas contra a implantação de catracas eletrônicas nos ônibus coletivos de São Paulo. Chamou a atenção o argumento de um manifestante: “O cobrador atende as pessoas, dá as informações que o usuário pede!”. Pode parecer simplório e insignificante, ou até soar meio irreal. Entretanto, o argumento vai a um ponto central: a tecnologia, a máquina não se relaciona pessoalmente com o ser humano, muito menos o promove.

Portanto, o valor do indivíduo e as suas relações sofrem um desgaste drástico dentro do processo de globalização.

1.3.2 A exclusão Social

Um segundo ponto a destacar refere-se ao que Jung Mo Sung denomina de “exclusão social”.³² Isso refere-se à grande massa da população do planeta que é excluída do mercado por não ter poder aquisitivo (ou não se caracterizar como consumidor).³³ A realidade de nosso mundo, por si só, já é de gritante desigualdade. Se, a par disso, presumirmos que o processo de globalização “não apaga nem as desigualdades nem as contradições que constituem uma parte importante do tecido da vida social”, mas “desenvolve umas e outras, recriando-as em outros níveis”,³⁴ ficará evidente como todo esse problema se agrava. Isso será tanto mais sério, quanto mais se observa que o neoliberalismo coloca o mercado como valor supremo, cujas leis têm de ser obedecidas, mesmo que impliquem em sacrifícios humanos desmesurados.³⁵ O que fica evidente, com tudo isso, é que o processo de globalização é também um processo excludente: há uma massa enorme de seres humanos excluídos, impedidos de terem o mínimo para a sobrevivência.

³¹ Edição do Jornal Nacional. do dia 5 de outubro de 1999.

³² Jung Mo SUNG. *Desejo, mercado e religião*. pp. 73ss.

³³ Fala-se de 1,3 bilhão de pessoas que vivem com renda igual ou menor que 1 dólar ao dia (Jung Mo SUNG. *loc. cit.* p. 16). E isso representa apenas os *mais pobres!* DELORS (*Educação: um tesouro a descobrir*. pp. 69s) apresenta outros dados que corroboram as afirmações de SUNG.

³⁴ Octavio IANNI. *A sociedade global*. p. 125.

³⁵ Jung Mo SUNG. *Desejo, mercado e religião*. pp. 15-45, esp. 27-29.

1.3.3 O exercício do Poder

Um terceiro ponto tem a ver com o **exercício do poder**. Já vai longe o tempo de reis e imperadores, de presidentes e governadores, de altas patentes e de sábios estadistas, e até mesmo de ditadores — ao menos, é isso que nos transmite o clima reinante na globalização. Ianni afirma: “Enquanto o liberalismo baseava-se no princípio da soberania nacional, ou ao menos tomava-o como parâmetro, o neoliberalismo passa por cima dele, deslocando as possibilidades de soberania para as organizações, corporações e outras entidades de âmbito global”³⁶.

É verdade que ele explica depois que, nessas organizações, o poder é exercido por certas “elites”. Isso, entretanto, é algo difuso, não localizado, e completamente diferente do que se teve em tempos anteriores. Antes havia um poder visível, ao qual oposição era facilmente exercida — embora, muitas vezes, não sem dor e sacrifício. Isso não é mais possível na forma agora descrita. Ao tratar desse assunto, Robert Henry Srouer descreve o clima existente em grandes organizações: “Basta entrar em qualquer grande organização para logo ser assaltado por uma presença informe. Paira no ar um mistério que faz as vezes de esfinge e que sugere, no silêncio de sua carranca, a famosa frase: ‘decifra-me, ou te devoro’”.³⁷ Ele deseja descrever a cultura que reina em cada uma dessas organizações. Mas, o fato é que o exercício do poder se dá nesse, e por meio desse, clima, dessa cultura, de tal maneira que quem executa “rito após rito”, para usar os termos de Srouer, acaba sendo tomado por ele.³⁸ Age, pensando que é ele que toma as decisões, sem perceber o quanto foi influenciado para tal.

Galbraith (1984)³⁹ fala de três formas básicas de exercício do poder: poder condigno, compensatório e condicionado. O exercício do poder condigno impõe uma alternativa suficientemente desagradável para que a decisão desejada seja tomada; o do poder compensatório oferece uma recompensa suficientemente agradável para tanto. Finalmente, o exercício do poder condicionado, que pressupõe a organização, faz com que o outro tome a deci-

³⁶ Octavio IANNI. *Teorias da globalização*. pp. 78s.

³⁷ Robert Henry SROUR. *Poder, cultura e ética nas organizações*. p. 167.

³⁸ Walter WINK, pesquisador que por muito tempo estudou o assunto “poderes” do ponto de vista da Teologia, também faz afirmações na mesma direção (Walter WINK. *Unmasking the powers*. p. 4). Aliás, é surpreendente notar o quanto a abordagem de WINK se assemelha à de MORIN (*Os sete saberes necessários à educação do futuro*. p. 28), quando este último trata da “noologia” e fala de “possessão”.

³⁹ John Kenneth GALBRAITH. *Anatomia do Poder*. O que abordamos encontra-se explicado ao longo dos capítulos I até VII (pp. 1-75).

são que se deseja, pensando tratar-se de opção livre da sua parte, sem desconfiar que foi “condicionado”. Quer dizer, o exercício desse poder é virtualmente “invisível”. O que vemos no mundo globalizado é que mais e mais esse último tipo de poder é exercido. Organizações das mais diversas têm-se especializado no exercício desse poder, e os meios de comunicação de massa não são seus únicos instrumentos. De forma crescente, populações inteiras são levadas a decisões — políticas e econômicas — já condicionadas. E aqui, novamente citando Ianni,⁴⁰ temos de observar que os governos nacionais são impotentes para controlar as organizações globais em seus interesses. Seria possível afirmar que quem manda, na verdade, é a organização, o interesse do mercado. Portanto, de forma geral, vê-se aí o exercício do poder a favor dos interesses da organização e do mercado em detrimento da sociedade.

Diante disso, que desafios poderiam ser detectados para a Educação no futuro? Ou, ao nos voltarmos, como teólogos, à problemática da Educação em tempos de globalização, que desafios surgem dessa interação?

2. DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO DO FUTURO: UM OLHAR POR MEIO DA TEOLOGIA

Em seu livro, *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, Edgar Morin atribui um papel fundamental à educação na preparação comum do futuro da humanidade. Não qualquer educação, mas a educação caracterizada pelos sete saberes do título. Longe de serem técnicas pedagógicas ou princípios didáticos, de aplicação mais ou menos imediata na sala de aula, tais saberes fornecem um “norte” necessário para a educação, um questionamento quanto aos seus conteúdos e um impulso para a reflexão sobre a tarefa do educador do futuro.

O primeiro dos saberes refere-se ao saber científico. Para Morin, uma das tarefas da educação é mostrar que não há conhecimento imune ao erro e à ilusão. Teremos que conscientizar-nos das diversas possibilidades de erro, contando com o inesperado e a incerteza. Para o autor, em vez de buscar certezas ou verdades absolutas, temos de aprender a lidar com as dúvidas. O segundo saber tem a ver com a apreensão do conhecimento global e fundamental para aí inserir o parcial e local. Aqui, Morin aplica o seu conceito de “pensamento complexo”, que sabe “operar o vínculo entre as partes e a totalidade”, pois

vivemos num “mundo complexo”.⁴¹ Para a educação, de acordo com o autor, isso requer que repensemos “os saberes desunidos, divididos, compartimentados”, pois somos confrontados com “realidades multidisciplinares”⁴² — precisamos recuperar a noção do todo.

Os saberes seguintes têm a ver com a “condição humana” e com a “identidade terrena”. Temos de restaurar o que as diversas disciplinas desintegraram: a unidade complexa da natureza humana. E conhecer o humano da natureza humana é situá-la no universo, em sua identidade terrena, planetária, solidária.

Sem cair no pessimismo, Morin passa a falar das incertezas. Para ele, o que marca a história é a incerteza, a imprevisibilidade. Passamos muito tempo na ilusão do progresso de uma história cíclica assegurada. A própria noção de ciência, como ele apontou no início do livro, colaborou para essa ilusão. Na convicção do autor, a educação tem de preparar para enfrentar incertezas (do conhecimento, como da ação). Trata-se de conjugar desafio e estratégia. Nas palavras do autor, “A estratégia, assim como o conhecimento, continua sendo a navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certezas”⁴³.

Os últimos dois saberes arrolados por Morin são “ensinar a compreensão” e “a ética do gênero humano”. O problema da compreensão, na era planetária, tornou-se crucial, por isso tem de ser uma das finalidades da educação. De acordo com o autor, “Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção”⁴⁴. A partir dessa conceituação, ele fala também de uma “ética da compreensão”, que é capaz de “compreender a incompreensão”.⁴⁵ Isso leva, conseqüentemente, à prática de uma “ética do gênero humano”, uma “dialógica democrática” que é capaz de unir “termos antagônicos”.⁴⁶ O que o autor propugna é “a busca da humanização na humanização, pelo acesso à cidadania terrena (...) uma comunidade planetária organizada”⁴⁷.

Pretende-se arriscar algumas idéias que teriam mais a ver com o que J.M.Sung chama de “disputa ideológica,”⁴⁸ e não estariam ainda no terreno

⁴¹ Edgar MORIN. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. p. 14.

⁴² Edgar MORIN. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. p. 36.

⁴³ *Ibid.* p. 86.

⁴⁴ *Ibid.* p. 95.

⁴⁵ *Ibid.* p. 99.

⁴⁶ *Ibid.* p. 109.

⁴⁷ *Ibid.* p. 115.

⁴⁸ Jung Mo SUNG. *Desejo, mercado e religião*. p. 134.

⁴⁰ Octavio IANNI. *A sociedade global*. p. 90.

concreto da formulação de propostas. Entretanto, crê-se que essa discussão é importante, no sentido de oferecer rumos, ou diretrizes, que balizem propostas que porventura se façam. Ousando lembrar Morin,⁴⁹ sugere-se que as idéias que aqui são apresentadas não são propriamente textos de ensino, ou desafios no sentido de serem prontamente enfrentados e executados. Muito antes, são conceitos destinados a “fermentar” a própria formulação de propostas e rumos para a Educação.

2.1 A Afirmação do Reino de Deus

Assim, o primeiro desafio que cumpre destacar é a afirmação do reino de Deus. Essa afirmação é, antes de mais nada, a consciência de um comprometimento pessoal com a pessoa de Jesus Cristo, Senhor do reino (cf. o que já foi dito do estudo de Teologia, no início deste trabalho). Esse reino, embora não caiba na história, apresenta o horizonte que dá o alvo e o sentido para a ação no contexto globalizante.

Afirmar o reino de Deus significa, no presente contexto, declarar o caráter relativo e passageiro também do mercado, do neoliberalismo e da globalização como um todo. Esses, em seu caráter, na verdade representam “anti-reinos”, pois sacralizam aquilo que é de Deus — fabricam ídolos. O processo global como que atropela tudo, intimidando e incitando ao imobilismo. Quando se anuncia o reino de Deus, também se anuncia a ressurreição de Jesus, que é a vitória sobre a morte, sobre o que é anti-vida. Portanto, está-se animando a esperança, o agir consciente e decidido, está-se expulsando o temor paralisante ante grandes tarefas.

Afirmar o reino de Deus significa possibilitar a conquista de uma outra percepção da realidade; significa a possibilidade de perspectiva que confronte e recomponha a proporção da realidade e do contexto em que se vive. Cito Peter Berger:

A redescoberta do sobrenatural será sobretudo uma reconquista da abertura em nossa percepção da realidade. (...) Penso que essa abertura e o reproporcionamento que essa atitude envolve têm uma significação moral, até mesmo uma significação política de não pequeno grau. O benefício moral principal da religião é que ela permite uma confrontação com a época em que se vive numa perspectiva que transcende à época e assim a coloca em proporção.⁵⁰

⁴⁹Edgar MORIN. *op. cit.* p. 13.

⁵⁰Peter L. BERGER. *Um rumor de anjos*. p. 125s.

Afirmar e anunciar o reino de Deus e Jesus, o crucificado, significa afirmar a dignidade radical da pessoa humana, o valor do indivíduo, especialmente da vida e da dignidade ameaçadas: a dos pobres e pequenos. No reino de Deus ninguém é objeto, a não ser objeto de amor imenso, imerecido, da parte de Deus. Para expressar essa verdade em outras palavras, não em termos teológicos, poderia recorrer a Morin,⁵¹ na parte de seu livro em que expõe a necessidade de “ensinar a condição humana”. Nesse capítulo, ele procura resgatar a dignidade da pessoa humana frente a um contexto que a fragmentou.

Afirmar o reino de Deus e de Jesus, o mediador crucificado, é afirmar a cidadania alternativa de cada ser humano. Ou, talvez, devesse dizer: a cidadania fundamental, que é ser cidadão do reino de Deus. O reino de Deus se contrapõe ao reino do mercado e da globalização, que acaba por divinizar as coisas, as mercadorias. Por isso mesmo, também se afirma a lealdade primeiramente a Deus, e não a qualquer sistema, por global que seja.

Esse é um desafio à reflexão teológica atual, que possivelmente ainda tem de ser desdobrado nos currículos das Faculdades de Teologia. Mas, além disso e, sobretudo, mais importante ainda, representa também um conceito que pode e deve servir como “fermentação”, como instigador de uma “utopia orientadora”.⁵² Ou um horizonte orientador que transcende o momento presente, e, ao transcendê-lo, desvela o seu estado de imperfeição, de injusto, de não-absoluto. Tal utopia ou horizonte orientador faz-se necessário numa época em que as incertezas, as dúvidas, o utilitarismo e a exclusão nos assaltam.

2.2 O Amor AGÁPE⁵³

O segundo desafio tem a ver com a essência desse reino: o amor *agápe*. Essa é uma das palavras gregas para “amor”. O termo é muitas vezes usado para falar de um tipo muito especial de amor.⁵⁴ Trata-se da capacidade de conseguir sair de si mesmo, como que esquecer-se de si mesmo a favor do outro. Para afirmá-lo de outra forma, trata-se da capacidade de “des-centrar-se” e ocupar-se do outro, de seu valor, de sua pessoa, de suas necessidades —

⁵¹Edgar MORIN. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. p. 47ss.

⁵²Jacques DELORS. *Educação: um tesouro a descobrir*. p. 50.

⁵³Transliteração do grego ἀγάπη (*agápe*).

⁵⁴Cf. 1 Coríntios 13, para perceber esse caráter especial. Na Bíblia, este é o capítulo clássico em que se usa o vocábulo grego *agápe* para “amor”. Uma outra referência, mais breve, que também revela como o termo é usado para denotar o caráter especial do amor de Deus, é João 3:16.

sair do centro próprio, do ego-centrismo, e enxergar o outro como pessoa de valor, com dignidade, que também é amada por Deus e cidadã do seu reino. No uso do termo nos documentos do Novo Testamento, esse “sair de si”, ou “esquecer-se de si a favor do outro”, pressupõe uma consciência de si que não necessita auto-afirmar-se.

Agápe tem a ver, não com exigência de sacrifícios de outrem, mas com o dom de si mesmo como sacrifício. Tem a ver não com vitória e vencedores, mas com cooperação para com o bem do outro, do necessitado. *Agápe* tem a ver não com lucro, com acúmulo, mas com partilha e senso comunitário; tem a ver não com “a cada um o que merece”, mas “a cada um o que precisa”.

Nesse tocante, no relatório para a UNESCO, Delors⁵⁵ nos fala de quatro pilares da Educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. As duas últimas, de maneira mais acentuada a terceira, “aprender a viver com os outros”, podem ser relacionadas estreitamente com esse conceito, o amor *agápe*. Num mundo que, ao globalizar-se, confronta tantos diferentes de maneira cada vez mais aguda; no início de um século que herda tantas contradições, tanta violência, tanta falta de solidariedade; diante de um futuro que apresenta exigência de envolvimento em um projeto comum — caso se queira que **tenhamos** um futuro com esperança! —, num mundo e época como a nossa, urge que aprendamos a viver juntos, a viver com os outros, a resolver conflitos, a conviver pacificamente com os diferentes, a agir solidariamente ao seu lado. A essência do amor *agápe* tem a ver, justamente, com isso.

O desafio aqui é duplo: por um lado, consiste em recuperar e anunciar essa forma de amor em sua radicalidade, vivenciando-a. Tanto é um desafio digno de ser colocado, que Delors⁵⁶ o explicita, perguntando se seremos capazes de conceber uma Educação capaz de alcançar tal alvo. Por outro lado, é preciso articulá-la, especialmente naquilo em que se opõe aos malefícios do neoliberalismo globalizante. Morin, mesmo não empregando o conceito “amor” (muito menos o amor *agápe*), dá pistas nessa direção quando fala sobre “ensinar a condição humana”, especialmente na parte em que trata da tríade “indivíduo / sociedade / espécie”.⁵⁷

⁵⁵ Jacques DELORS. *Educação: um tesouro a descobrir*. pp. 89-102.

⁵⁶ *Ibid.* pp. 96s.

⁵⁷ Edgar MORIN. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. pp. 47ss e 54s.

2.3 A Espiritualidade do Evangelho

Ligado ao ponto anterior de forma íntima, praticamente inseparável, percebemos o desafio que apresenta a afirmação da **espiritualidade do Evangelho**. Aliás, deve-se dizer que ela é decorrência lógica do amor. Tal espiritualidade tem um caráter essencialmente relacional. Portanto, quando falamos da espiritualidade do evangelho, falamos da **afirmação e fomento do caráter relacional do evangelho**. Essa espiritualidade é relacional em dois sentidos: por um lado, envolve uma relação comprometida com Deus — que por definição é amor e justiça; por outro lado, consiste numa relação com o outro (com o próximo) que expresse esse amor e essa justiça de Deus. Há uma passagem bíblica que afirma essa verdade de forma inescapável: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro. Se alguém afirmar: ‘Eu amo a Deus’, mas odiar seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê”⁵⁸. Essas são afirmações que ecoam ao longo de todo o Novo Testamento, aliás, de toda a Bíblia. Já no Antigo Testamento, no relato da criação, o ser humano é descrito como alguém que se relaciona pessoalmente com Deus. Posteriormente, as experiências do povo de Deus, sem exceção, são experiências que ocorrem em contextos relacionais. Tal focalização nas relações sociais, no partilhar de pensamentos, experiências e aprendizado, tem sempre um espírito inclusivo, que busca o bem do outro e que deseja servi-lo — esse é também o espaço em que aparece o conceito de “diaconia” (o serviço abnegado ao próximo). Assim, a espiritualidade do Evangelho, ao ser relacional, é inclusiva, abraçando e abarcando o outro, mesmo que diferente de si; é a espiritualidade da cooperação, da solidariedade. A espiritualidade do Evangelho, da forma como foi descrita até aqui, significa um estímulo a dois “pilares da Educação”: “aprender a viver com os outros” e “aprender a ser”.⁵⁹

Tal espiritualidade se confronta com a realidade de globalização em que vivemos. Nessa última, poderia-se dizer que também existe uma espiritualidade. Qual, entretanto, seria a marca da “espiritualidade da globalização”? É a da competição, da concorrência, da lei do mais forte, do sucesso individual.⁶⁰ Assim, esse conceito, articulado no campo da Educação, representa um estímulo para que ela melhor cumpra sua missão como

⁵⁸ I João 4:19 (NVI).

⁵⁹ Jacques DELORS. *Educação: um tesouro a descobrir*. pp. 96-101.

⁶⁰ *Ibid.* p. 97. Sobre esse aspecto, vale perguntar: que jogos e brincadeiras conhecemos que não sejam “de competição”, nos quais, no final, apenas um sobe no pódio? Os jogos populares — futebol, por exemplo — são extremamente competitivos. Os jogos e brincadeiras de programas infantis, na TV, são basicamente de competição. Na escola, se tem bem poucos exemplos de jogos e brincadeiras que fujam dessa classificação “de competição”. Será que

formadora da pessoa integral para o futuro. Portanto, também esse conceito, tendo em vista nosso contexto racionalista, tecnológico e globalizado, merece ser estudado com afinco, sendo articulado e desdobrado de maneira relevante para a Educação do futuro.

Resumindo o que vimos nos pontos acima, até aqui: o reino de Deus, tendo como marca essencial o amor expresso pelo termo *agápe*, busca o outro, o relacionamento com o próximo, procurando incluí-lo, e não excluí-lo. O Evangelho, a mensagem do reino de Deus, que é diferente do reino do mercado, consiste numa espiritualidade intrinsecamente relacional, pois é essencialmente o anúncio de que Deus vem favoravelmente ao encontro da pessoa humana. Em contrapartida, o ser humano é levado a relacionar-se solidariamente com seu semelhante, pois recebe de Deus este impulso.

2.4 O Diálogo na Pluralidade

O quarto desafio é sugerido por Oliveira, quando este fala de uma alternativa aos paradigmas positivista e relativista na Educação, e sugere a necessidade do caminho da argumentação na pluralidade, do diálogo. Afirma ele que “a filosofia do pluralismo aposta no difícil — mas necessário — caminho do embate argumentativo como forma de transcender as abordagens hipostasiadas em verdades absolutas, ou em seu *outro*, a ausência total de verdades”⁶¹.

Trata-se da abertura para o diálogo com o outro, com o diferente; evidentemente, não um diálogo sem convicções, pois este não teria efetividade alguma. Trata-se de discussão em que se exercita a livre argumentação. Tal discussão e diálogo valoriza cada uma das partes com dignidade pessoal, sendo também o espaço para o crescimento humano. Na discussão, no diálogo, jogam também as emoções, os sentimentos, a imaginação, as instâncias não-rationais da alma, para usar os termos de Oliveira.⁶²

Nos pontos anteriores evidenciamos, com destaque, o aspecto relacional, o “ pilar da Educação ” que trata de “ viver com os outros ”. Salientamos o quanto isso é intrínseco ao Evangelho, à Teologia.⁶³ Dessa forma, quando a

realmente não existem “ jogos cooperativos ”? Assim, não se está formando, de maneira geral, uma “ espiritualidade da competição ”? Creio que a resposta à pergunta é “ sim ”! Como reverter essa situação? Creio que essa pergunta ainda se encontra aberta para todos nós.

⁶¹ Renato José de OLIVEIRA. *Ciências humanas e educação*. p. 232.

⁶² *Op. cit.*, p. 233.

⁶³ Evidentemente, não queremos dar a entender que com isso se esgota o que o Evangelho ou a Teologia têm a dizer sobre esses assuntos. Estamos apresentando e ressaltando o que é central para o Evangelho e que converge no diálogo com a Educação.

Teologia e o teólogo deixam de dialogar, de engajar-se no embate argumentativo, tornam-se míopes, “ensimesmados” e, finalmente, irrelevantes. Para deixar claro em que consiste esse desafio, cito mais uma vez palavras de Oliveira:

Entre buscar a transformação da realidade a partir da retirada dos supostos véus que ocultam “as verdades que Deus conhece desde toda a eternidade” (Perelman, 1979, p.5) ou simplesmente não interferir sobre ela, a filosofia do pluralismo assume como perspectiva não a redenção final do homem, mas a desafiadora e fascinante tarefa de forjar um pensar e um agir voltados para a construção do humanamente possível.⁶⁴

Portanto, o diálogo na pluralidade, mesmo tendo em mente uma “ utopia orientadora ”, busca agir cooperando com o outro na realização do que é humanamente possível. Esse desafio é, de fato, um “ caminho difícil ” para a Teologia, da mesma forma que para a Educação. Quando discute a necessidade de “ ensinar a identidade terrena ”,⁶⁵ Morin leva sua discussão ao ponto em que afirma que

(...) é necessário aprender a ‘ estar aqui ’ no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas — e por meio de — culturas singulares. Precisamos doravante aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos do planeta Terra (...).⁶⁶

Dessa forma, o que é intrínseco à Teologia, ao Evangelho, também pode fomentar a Educação em sua missão no futuro.

3. ALERTAS PARA O TRABALHO TEOLÓGICO/PASTORAL

a. O perigo da performatividade. A exigência do pastor-executivo com qualidade total, ultra-eficiente e ultra-atarefado, fazendo mil

⁶⁴ Renato José de OLIVEIRA. *Ciências humanas e educação*. p. 234.

⁶⁵ Edgar MORIN. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. pp. 47ss.

⁶⁶ *Ibid.* p. 76.

aconselhamentos por ano, ou 30 pessoas por dia, por exemplo. Aqui, vale lembrar a ilustração de Jung Mo Sung, contada por Ricardo Barbosa: olhar para uma mulher negra, paupérrima, aidética, velha, e perceber ali uma pessoa, com dignidade humana, e relacionar-se com ela. Deu-se aí um passo de fé.

b. O perigo da cooptação. Assumir conceitos sem refleti-los bíblica e teologicamente. Em outras palavras, é isso que Speed Leas discute quando fala de “tensão”.⁶⁷ Para citar um exemplo, poderíamos pensar no “Movimento de Crescimento de Igreja”, que, há duas décadas, importou e trabalhou largamente com conceitos e métodos da área do gerenciamento de empresas e do “marketing”. A importação imediata e acrítica de conceitos, vindos das áreas de marketing e gerenciamento para a realidade da igreja resulta em trair o Evangelho.

c. O perigo da redefinição de conceitos e a exclusão de temas: Quando a discussão é dominada por conceitos como produtividade, eficiência, qualidade total, saem do campo de visão noções como igualdade, justiça social, e o processo decisório participativo. Por exemplo, se o título do livro de Paulo Freire tivesse sido *Pedagogia do Desfavorecido*, em vez de *Pedagogia do Oprimido*, não teria causado tanta provocação como causou. É que o segundo título introduz o conceito de opressão. Ora, se há opressão, é por que alguém oprime e outro é oprimido. Por outro lado, a noção de “desfavorecido” necessariamente não implica a idéia de que alguém desfavoreça outrem: as pessoas podem, simplesmente, ser desfavorecidas pela sorte. Assim, “Pedagogia do oprimido” incluiu na cena da discussão um tema.⁶⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reverendo os desafios alistados, poderia ocorrer a impressão de que são irrelevantes, de que se está lutando contra algo que nos levará de roldão; nítida impressão de “nadar contra a maré”. Afinal, o que está diante de nós é o processo de globalização. Até o momento, esse processo tem abarcado irremediavelmente tudo o que encontra pela frente. Poderia a Educação

ousar interferir — para não dizer “enfrentar” — em tal processo irreversível? Nesse sentido, preciso fazer minhas as afirmações de Jung Mo Sung:

Contra a idolatria do mercado devemos reafirmar a nossa missão: sermos testemunhos da ressurreição de Jesus, sermos anunciadores do Deus de Jesus. (...) Mesmo numa sociedade moderna, que se crê secularizada, e até mesmo dentro dos parâmetros da razão crítica moderna há uma tarefa fundamental para as religiões: anunciar a transcendência de Deus para que os seres humanos não se esqueçam da sua condição humana e para que não se absolutize nenhuma instituição social.⁶⁹

O que ele está dizendo, guardando as devidas distinções, também vale com toda propriedade para a Educação. Até parece que ele ecoa as palavras já citadas de Peter Berger: “Para que o rumor de Deus não desapareça completamente”⁷⁰.

Para concluir, essas reflexões pretendem encarar alguns desafios advindos da leitura e reflexão sobre o tema da globalização. As preocupações expressadas, direcionadas ao campo da Educação, surgem da experiência de Deus, que concede olhos que percebem o sofrimento, a exclusão, o abandono, bem como um coração que sofre por desejar ver os problemas do semelhante resolvidos de maneira definitiva e completa. É claro que sempre se sofre a tentação do desânimo, do imobilismo, por ver todas essas coisas sempre de novo nos abalroando e atropelando; por ver a Educação, nesse imenso país que é o Brasil, sempre de novo espoliada do lugar que lhe cabe por direito, ou então ser usada com fins utilitaristas e interesseiros. Isso, entretanto, nos deve lembrar renovadamente que é dentro das possibilidades históricas — que têm limitações —, que podemos construir não o próprio reino de Deus definitivo, mas sinais desse reino, nas sociedades, instituições e organizações que, mesmo em suas ambigüidades e limitações, poderão ser mais justas e fraternas.⁷¹ E esse olhar da Teologia, do Evangelho, pode dar a sua parcela de contribuição para tanto.

⁶⁷Donald E. PRICE (org.). *Conflitos e questões polêmicas na igreja*. pp. 37ss.

⁶⁸Para uma discussão mais ampla, basicamente no campo da Educação, veja Pablo A. GENTILI e Tomaz Tadeu da SILVA. *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. pp. 14s.

⁶⁹Jung Mo SUNG. *Desejo, mercado e religião*. p. 130.

⁷⁰Peter L. BERGER. *Um rumor de anjos*. p. 125.

⁷¹É o que também Jun Mo Sung expressa no final de *Desejo, Mercado e Religião*. p. 134.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, Peter L. *Um rumor de anjos*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BÍBLIA SAGRADA. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000. (Edição ARA – Tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada)
- BOSCH, David Jacobus. *Transforming mission: paradigm shifts in theology of mission*. Nova Iorque: Maryknoll (Orbis), 1991.
- CAPRA, Fritjof. *O tao da Física: um paralelo entre a Física moderna e o misticismo oriental*. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- . *Pertencendo ao universo: explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- DELORS, Jacques. *Educação – um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- GALBRAITH, John Kenneth. *Anatomia do poder*. São Paulo: Pioneira, 1984.
- GENTILI, Pablo A. A. & SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- IANNI, Octavio. *A sociedade global*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- . *Teorias da globalização*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- OLIVEIRA, Renato José de. Ciências Humanas e Educação: Impasses para a Superação dos Paradigmas Positivista e Relativista. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, vol. 77, nº 185, pp.220-238, jan/abr 1996.
- PRICE, Donald E. (org.). *Conflitos e questões polêmicas na igreja*. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- SROUR, Robert Henry. *Poder, cultura e ética nas organizações*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- SUNG, Jung Mo. *Desejo, mercado e religião*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- WINK, Walter. *Unmasking the powers: the invisible forces that determine human existence*. Philadelphia (USA): Fortress, 1986.

RESENHAS*

Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia. De Uwe Wegner. São Leopoldo e São Paulo: Editora Sinodal e Paulus Editora, 1998, 407 pp.

Há muito tempo o meio acadêmico aguarda a publicação de um manual para orientação no processo de elaboração de trabalhos exegéticos a partir de textos do Novo Testamento Grego. Até recentemente, os estudantes de teologia precisavam pesquisar sobre o assunto em material de língua estrangeira, ou deviam contentar-se com manuais mais limitados, produzidos pelos professores das instituições de ensino teológico.

Com a publicação desta obra tudo muda de figura. O livro faz jus ao subtítulo “Manual de Metodologia”, pois foi organizado de forma didática, facilitando grandemente a consulta de tópicos, muitas vezes “escondidos” em outros manuais. A disposição dos capítulos reflete isso muito bem. Para cada passo importante numa metodologia exegética séria existe um capítulo correspondente: tradução; crítica textual; as análises literária, da redação, das formas, da história de transmissão do texto, da historicidade dos textos, da história das tradições, de conteúdo, análise teológica; e a atualização do texto. Além disso, há um capítulo dedicado à nova tradução (ao final do processo de pesquisa exegética), à exegese nas epístolas e uma utilíssima síntese dos passos exegéticos no fim do livro. Complementam, ainda, o manual um glossário de termos mais usados no livro, além de extensas notas bibliográficas e bibliografia, com itens em línguas estrangeiras.

De fato, o autor apresenta uma lista bibliográfica extremamente útil ao final de cada capítulo, remetendo o estudante ao aprofundamento da pesquisa nos seus diversos campos específicos. Fica claro que Wegner privilegiou, sempre que possível, a literatura em português. Mas há muitas indicações bibliográficas de material em alemão, inglês e espanhol.

Uma das principais virtudes do livro de Uwe Wegner são as detalhadas explicações de aspectos importantes da metodologia para o exegeta iniciante.

* As opiniões dos autores das resenhas não refletem necessariamente a posição de *Vox Scripturae*.